

APRENDIZAGEM DE LIBRAS

CAVALCANTE, Marcia¹ (UFMT)
profmarcia_quimica@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo será abordada brevemente a experiência na aprendizagem de Libras. Para tanto, foi utilizado os textos bases propostos pelo professor, a fim de observar, estimular, relatar e concluir o conhecimento do mesmo. Através dos textos suportes, foi possível fazer uma análise léxica detalhada da libras em relação a codificação de outros países, bem como a desmistificação da língua e a paridade da mesma em relação as outras línguas. Para uma análise prática, será abordada a conclusão feita através de vídeos com o conteúdo do livro.

PALAVRAS-CHAVES: Metodologia analítica. Aprendizagem em libras. Análise prática.

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização em escrita de sinais vem sendo desenvolvida cada vez mais na atualidade, estudiosos como BATTISON (1974), LIDDEL e JHONSON (1989), desenvolveram trabalhos que revolucionaram a universalidade das escritas de sinais. Os autores demonstraram de forma sucinta a diferenciação da Libras em relação a outras pronuncias de sinais, observando as particularidades de cada grupo, dividindo-os por faixa etária, gênero e localidade.

Outro tópico importante, desta vez destacado por GESSER, é a visão sócio antropológica da língua de sinais, desconstruindo os conceitos culturais da deficiência, de forma que fomente a aproximação do ouvinte com o mundo surdo. Faz comparação também das línguas de sinais com as línguas orais, promovendo a universalidade das mesmas.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho tem como objetivo abstrair o conceito de aprendizagem em Libras, bem como a escrita de sinais em seus conceitos mais amplos. Para tanto, será utilizado escritas de estudiosos no assunto, trazendo seus respectivos pontos de vista no que se refere as linguagens de sinais.

A fundamentação básica vem do livro “Libras? Que língua é essa?” de Audrei Gesser, e do artigo “Diferentes pronúncias em uma língua não sonora?”

Graduanda em Química. PARFOR – Universidade Federal de Mato Grosso. Campus Cuiabá.



Um estudo da variação na produção de sinais da Libras” de André Nogueira Xavier e Plínio Almeida Barbosa, ambos propostos pelo docente da disciplina.

A metodologia usada na conclusão dos trabalhos foi a pesquisa bibliográfica. Gesser em suas pesquisas buscou desmistificar alguns conceitos e esclarecer outros, preconizando que as línguas de sinais possuem estruturas próprias e não apenas mímicas das línguas orais. XAVIER e BARBOSA buscaram uma análise léxica entrevistando mais de 200 surdos de sete diferentes localidades dos Estados Unidos, buscando as diferenças de cada localidade, observando as semelhanças com as linguagens orais.

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

A pesquisa feita com os surdos americanos analisou as diversidades na pronúncia da ASL (língua de sinais americana) dos mesmos, observando os pares mínimos em suas devidas configurações, localizações e movimentos. Os entrevistados foram separados por localidade, etnia e faixa etária. (Lucas, Ceil; et al., 2001).

Os pares mínimos são palavras que se diferenciam por apenas um gesto mínimo, com isso concluíram um aspecto que ocorre com muita frequência nas linguagens orais, a alofonia que é a relação entre dois sons foneticamente semelhantes, dada por distribuição complementar ou variação livre em na linguagem oral. (Stokoe, 1960).

Os estudiosos chegaram à conclusão de que a diferença entre esses pares mínimos estava na orientação da palma, número de mãos e nas marcações não manuais (expressão facial, movimento da cabeça). A distensão do polegar também foi descrita por Hoopes (1998) e Battinson (1975). Foi definido que em algumas palavras houve uma mudança de curso no aprendizado da ASL. (Hoopes, 1998 e Battinson, 1975).

Por terem sido modificações espontâneas, findou que essas formas foram tidas como padrão. Observou-se também a distensão do dedo mínimo, baseada na comunicação do surdo com um interlocutor mais íntimo, ou seja, até o grau de intimidade influencia na comunicação, assim como ocorre nas



linguagens orais. Outros fatores como classe social, idade e região de origem também mudou a comunicação entre os entrevistados. (Gesser, 2009).

GESSER também faz um comparativo entre Libras e outras línguas de sinais estrangeiras, mas dessa vez por uma questão epistemológica. Desmistifica a ideia de a linguagem de sinais serem comparada à mimica e pantomima, tais comparações que, segundo GESSER inferiorizam a linguagem de sinais. (2009, p. 21).

Reverendo a importância das línguas de sinais, apela para conceitos históricos, onde as línguas de sinais eram ensinadas em asilos e mosteiros, onde mesmo nesses regimes de internato havia repreensão dos surdos. GESSER diz ainda que apesar das semelhanças com as linguagens orais, as linguagens de sinais possuem estruturas próprias, e mesmo com o uso da soletração manual não são versões soletradas das linguagens orais. (2009, p.27).

Ainda sobre este assunto, reforça os empréstimos das linguagens de sinais por seus conceitos históricos, como por exemplo, as influências que a Libras e a ASL sofreram da Língua Francesa de Sinais, graças ao contato com professores surdos franceses na fundação das primeiras escolas para surdos. (2009, p.36).

GESSER lembra ainda da lei de LIBRAS (10.436/2002), que faz a distinção do surdo com o deficiente auditivo, que define politicamente o termo “surdo”, já que outras determinações são vistas como preconceito, além de regulamentar política de inclusão e garantia a saúde dos mesmos. (2009, p.45).

. Desconstrói também a ideia de que surdo vive em silêncio absoluto, pois eles sentem as vibrações e assim conseguem abstrair os sons em suas próprias formas de percepção, encontrando prazer na dança através dessa percepção. (Gesser, 2009).

Por último, GESSER reforça a integração do surdo, devendo ser vista como uma forma cultural, e não como uma minoria (o que reforça o preconceito), já que o próprio surdo não se vê como sendo deficiente ou anormal. “A língua de sinais permite aos surdos o desenvolvimento linguístico e

cognitivo e assim a construção de suas identidades e subjetividades” (GESSER, 2009, p. 52).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este resumo contribuiu para um melhor entendimento sobre o trabalho dos estudiosos propostos, relevando a importância da inclusão e da escrita das Libras, podendo servir de apoio para a comunidade acadêmica na forma de docência. Especificou de forma objetiva as particularidades da linguagem de sinais em comparação com a de outros países, bem como salientou o ponto de vista do autor.

REFERÊNCIAS

1. GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
2. QUEIROZ, E. F. Artigo: **Desmistificando as línguas de sinais e aproximando ouvintes do mundo dos surdos**. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1259/1135>>. Acesso em: 15 set. 2016.
3. XAVIER A. N.; e Barbosa P. A. B. Artigo: **Diferentes pronúncias em uma língua não sonora?** Um estudo da variação na produção de sinais da libras. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/delta/v30n2/0102-4450-delta-30-02-0371.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

